

◇

× × × × × ×  
× × × × × ×  
× × × × × ×  
× × × × × ×

# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*

◇



*Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)*

Wavy lines on the left side of the page.

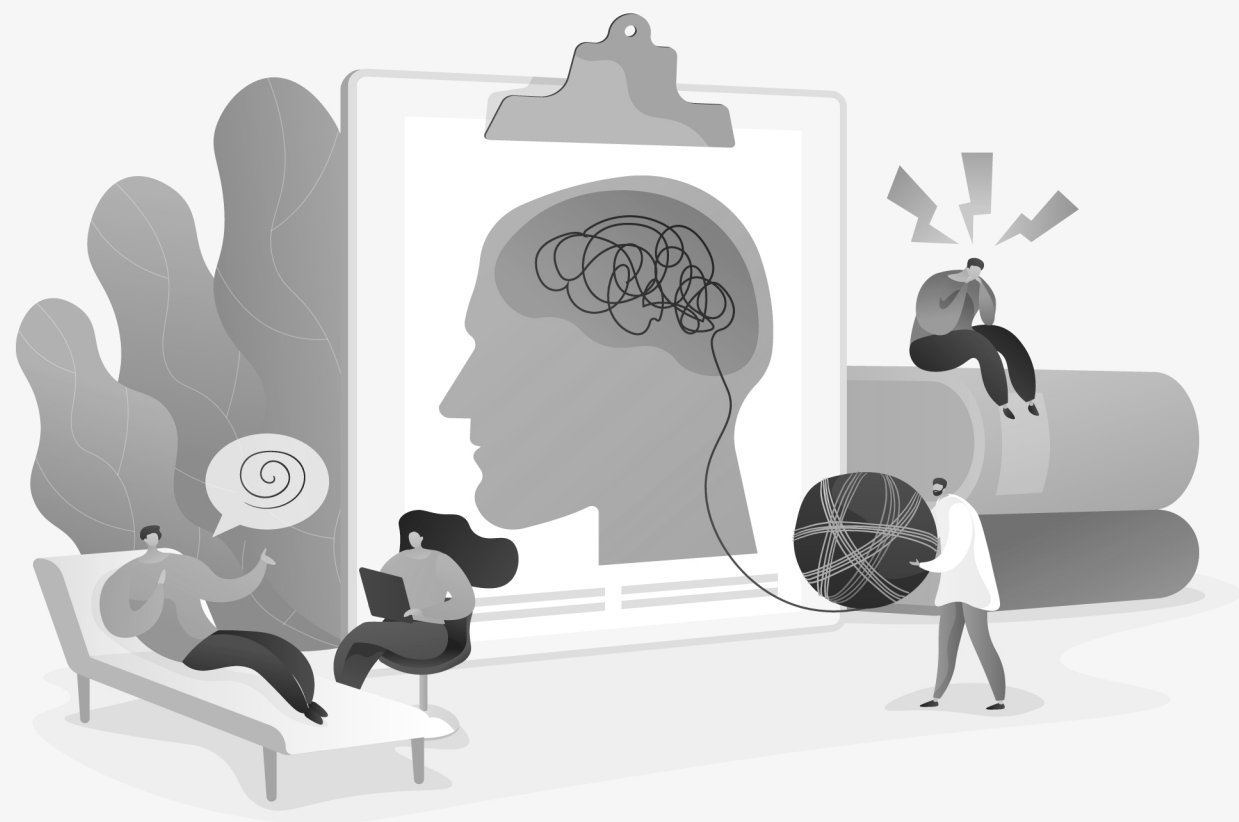
Wavy lines on the right side of the page.

◇

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



*Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)*



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

Maria Alice Pinheiro

**Edição de Arte**

Luiza Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A psicologia em diferentes contextos e condições 2

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Tallys Newton Fernandes de Matos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia em diferentes contextos e condições 2 [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-189-3

DOI 10.22533/at.ed.893201707

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

A humanidade passou por diferentes transformações ao longo da história, na esfera das representações sociais, que modificaram o campo da realidade e subjetividade, configurando o sentido e significado do sujeito. Tais configurações proporcionaram o surgimento de diferentes teorias como preposição para justificar casualidades e dissonâncias no cotidiano.

Historicamente, algumas teorias buscavam enquadrar o ser humano em padrões comportamentais que poderiam ser idealizados dentro de um quadro e conjunto atitudes, estes determinariam o que seriam considerados atos de normalidade ou anormalidade. Vieses eram excluídos nesta situação, como, por exemplo, costumes e valores adquiridos no meio comunitário oriundos dos marcadores culturais de determinado meio ou comunidade. Para exemplificar tal citação, demos, por conseguinte, a loucura, que foi definida de diferentes maneiras ao longo da história, assim como seu tratamento, que teve diferentes formas de atuação, passando, atualmente, a ser alocada no discurso de saúde mental.

Neste sentido, é importante destacar a importância da pluralidade cultural, que é um resultado das lutas sociais, históricas e políticas dos movimentos sociais, no que diz respeito ao conhecimento e a valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem em um mesmo ambiente. A pluralidade, como veremos nos primeiros estudos desta obra, busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade, compreendendo suas relações, os marcadores de desigualdades socioeconômicas, além de apontar transformações necessárias ao meio social. Tais pressupostos oferecem elementos para valorização das diferenças étnicas, culturais, respeito, expressão, diversidade, dignidade e construção da identidade.

Compreender a pluralidade cultural possibilita a reconfiguração da aprendizagem e incorpora a aprendizagem significativa, através da relação criada no significado entre os elementos com a estrutura da matéria, por intermédio das informações obtidas. Todavia, estas possibilitam uma nova organização progressiva, que explora as estruturas cognitivas e categoriza o conhecimento. Tais artefatos são relevantes para o desenvolvimento pessoal, podendo proporcionar diferentes benefícios, como, por exemplo, as diferentes intervenções e estratégias no ambiente de trabalho.

Neste âmbito, destaca-se que o ambiente de trabalho envolve condições, organizações e relações, concatenando-se em uma atividade física e intelectual, a qual dá sentido e significado a vida do homem. Tem o caráter produtivo, de manutenção, de subsistência e de satisfação. É também um marcador de horário e envolve conhecimento, habilidades e atitudes, proporcionando integração, civilização, economia e existência, ao passo que tem como produto a realização pessoal. Porém, o excesso ou ausência e as diferentes circunstâncias e demandas, assim como as condições, organizações e relações podem prejudicar a saúde mental.

Neste sentido, são importantes modelos de intervenção que busquem a qualidade de vida como pressuposto básico para a promoção da saúde. Destacam-se diferentes métodos e práticas, neste âmbito, que cabem ao profissional de psicologia que, através do olhar terapêutico, podem identificar estratégias e ferramentas de atuação, avaliação e intervenção. É importante destacar que, tais elementos, citados anteriormente, não inibem a dinâmica do cotidiano, e a adversidade continua em cenário aberto e contínuo em nosso processo de finitude, já que essa, para alguns teóricos, é a única certeza que temos.

Neste aspecto, de acordo com o discurso abordado anteriormente, explicitando assim a construção de tais argumentos e falas, a obra “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” aborda questões inerentes à “cultura”, “aprendizagem”, “trabalho”, “saúde”, “qualidade de vida” e “finitude”. Já o volume 1, também organizado pelo mesmo autor, aborda outros contextos da psicologia que foram selecionados pensando no eixo do “desenvolvimento humano”. Fica, aqui, um convite ao retorno para à leitura e apreciação do primeiro volume.

Por fim, a coletânea “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” explora a pluralidade e construção teórica na psicologia através de estudos, em diferentes contextos e condições, realizados em instituições e organizações de ensino superior, no âmbito nacional e internacional. Como pesquisador, ressalto a relevância da divulgação e construção contínua do conhecimento científico em benefício do desenvolvimento social. Portanto, destaco a Atena Editora como uma plataforma consolidada e confiável, em âmbito nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
<i>HISTÓRIA DA LOUCURA E DANAÇÃO DA NORMA: UMA GENEALOGIA DO TRABALHO COMO TECNOLOGIA DE CONTROLE UTILIZADA PELA PSIQUIATRIA CLÁSSICA</i>	
<a href="#">Geruza Valadares Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
DISCRIMINAÇÕES SEXUAIS E RACIAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: QUESTÕES PARA SAÚDE MENTAL!	
<a href="#">Felipe Cazeiro</a>	
<a href="#">Candida Soares da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>36</b>
GOUINES, OS PLATÔNICOS AFEMINADOS: À MARGEM DOS HETEROFLEXÍVEIS E DOS GAYS	
<a href="#">Luis Aboim</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>54</b>
OBJETOS CULTURAIS EM PSICOLOGIA CLÍNICA: O CINEMA COMO POSSIBILIDADE POÉTICA DE TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS	
<a href="#">Wellington Gomes da Silva</a>	
<a href="#">Gilberto Safra</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>66</b>
ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PELO TESTE DE KOLB: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
<a href="#">Heveline Barreto Sampaio Brito</a>	
<a href="#">Edenilson Cavalcante Santos</a>	
<a href="#">Camila Danielly Barbosa de Carvalho</a>	
<a href="#">Allana Renally Cavalcante Santos de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>78</b>
COMO O CÉREBRO APRENDE?: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL SOBRE NEUROPEDAGOGIA	
<a href="#">Miliana Augusta Pereira Sampaio</a>	
<a href="#">Denise de Barros Capuzzo</a>	
<a href="#">Simone Lima de Arruda Irigon</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
SAÚDE MENTAL DE MILITARES NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
<a href="#">Isabela Faria Berno</a>	
<a href="#">Júlio Ricardo França</a>	
<a href="#">Vanessa Catherina Neumann Figueiredo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8932017077</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 103**

OS IMPACTOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Yolanda Rakel Alves Leandro Furtado  
Maria Alice Ferreira Tavares  
Anna Thays Leal de Sousa  
Fernanda Jozeanne Luna Amaral  
Ana Márcia Ventura da Silva  
Ana Lúcia Bezerra Maia  
Maria Idelvânia Gomes  
Herminia Tavares Ferreira  
Jamisom Felype dos Santos  
Julio Cesar Dias de Barros  
Vivianne de Alcantara Ferreira  
Natália Feitosa Silva

**DOI 10.22533/at.ed.8932017078**

**CAPÍTULO 9 ..... 115**

INFLUÊNCIA DOS SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NOS SISTEMAS DE MEMÓRIA

Fernanda Garcia Varga de Sobral  
Camila Cruz Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.8932017079**

**CAPÍTULO 10 ..... 128**

AUMENTO DE QUALIDADE DE VIDA BASEADO NAS PRÁTICAS DO MÉTODO RESTAURATIVO EM PRATICANTES NO BRASIL E PORTUGAL

Miila Derzett  
Andréa Duarte Pesca  
Gabriela Frischknecht

**DOI 10.22533/at.ed.89320170710**

**CAPÍTULO 11 ..... 134**

AValiação DOS COMPORTAMENTOS DOS MORADORES DE UM SETOR DE PALMAS – TO E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O DESCARTE DO LIXO NO MEIO AMBIENTE

Ana Patricia Alves de Souza Auriema  
Maria Isadora Dama da Silva  
Conceição Aparecida Previero

**DOI 10.22533/at.ed.89320170711**

**CAPÍTULO 12 ..... 143**

PERCEPÇÃO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS SOBRE QUALIDADE DE VIDA

Anieli Andressa Smyk  
Isadora Garcia  
Isadora Silveira de Almeida  
Marília dos Santos Amaral

**DOI 10.22533/at.ed.89320170712**

**CAPÍTULO 13 ..... 163**

USO MEDICINAL DA CANNABIS: DISCUSSÕES E DESAFIOS SOBRE SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL

Carlos Augusto Villanova Ferreira  
Thiago André Pedrozo Dohms  
Gabriela Maria Carvalho Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.89320170713**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA ATIVIDADE MANUAL COM BASE EM MARTIN BUBER E GASTON BACHELARD	
Geruza Valadares Souza	
Marcus Vinicius Machado de Almeida	
Marcelle Carvalho Queiroz Graça	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>199</b>
O SENTIDO E A FINITUDE DA VIDA SOFRIMENTO, MORTE E REALIZAÇÃO DA VIDA	
Joaquim Parron Maria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>214</b>
PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO - PLATAFORMA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89320170716</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>228</b>

## DISCRIMINAÇÕES SEXUAIS E RACIAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: QUESTÕES PARA SAÚDE MENTAL!

*Data de aceite: 05/07/2020*

*Data de submissão: 31/03/2020*

### Felipe Cazeiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – RN

<http://lattes.cnpq.br/0619214588915997>

### Candida Soares da Costa

Universidade Federal de Mato Grosso  
Cuiabá – MT

<http://lattes.cnpq.br/4333588038026474>

**RESUMO:** A presença de discriminações sexuais e raciais no ambiente universitário podem afetar a permanência estudantil em instituições de ensino superior, bem como desencadear diversos sintomas psicossociais aos estudantes. Portanto, esta pesquisa objetivou descrever a percepção de estudantes LGBT's negros e brancos, ingressantes por ações afirmativas ou ampla concorrência na Universidade Federal de Mato Grosso, sobre discriminação racial e sexual e seu impacto para a permanência estudantil. Participaram 39 estudantes de 18 a 31 anos oriundos de 23 institutos/faculdades por meio de formulário online de abordagem qualitativa. O

processamento das informações adquiridas foi realizado por meio da análise de conteúdo tendo quatro categorias dicotômicas de análise: Discriminação Sexual, Discriminação Racial, Permanência Estudantil e Estratégias de Enfrentamento. Os resultados mostram, a partir da percepção destes estudantes, que tais discriminações se configuram como fenômenos hostis para o desenvolvimento acadêmico revelando a importância de investigar sua relação com o processo de enfrentamento tanto pessoal, psicológico e social quanto institucional para a vivência acadêmica e o ambiente universitário.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia, saúde mental, discriminação sexual, racismo, ensino superior.

### SEXUAL AND RACIAL DISCRIMINATION IN HIGHER EDUCATION: MENTAL HEALTH ISSUES!

**ABSTRACT:** The presence of sexual and racial discrimination in the university environment can affect the student permanence in higher education institutions, as well as trigger various psychosocial symptoms for the students. Therefore, this research aimed to describe the perception of black and white LGBT students, entering by affirmative actions or wide

competition at the Federal University of Mato Grosso, about racial and sexual discrimination and its impact on student permanence. Are participated 39 students from 18 to 31 years old from 23 institutes/colleges through a qualitative approach online form. The processing of the acquired information was performed through content analysis having four dichotomous categories of analysis: Sexual Discrimination, Racial Discrimination, Student Permanence and Coping Strategies. The results shows, from the perception of these students, that such discriminations constitute hostile phenomenal for academic development, revealing the importance of investigating their relationship as a coping process both personal, psychological and social as well as institutional for the academic experience and the university environment. **KEYWORDS:** psychology, mental health, sexual discrimination, racismo, higher education.

## 1 | INTRODUÇÃO

As demandas e ofertas de cursos na educação superior cresceram significativamente a partir do processo de redemocratização do Brasil, do aumento de Instituições de Ensino Superior (IES), da criação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e da implementação de Políticas de Ações Afirmativas. Assim, uma quantidade cada vez maior de jovens brasileiros, provenientes de diferentes classes sociais, orientações sexuais, gêneros, origens étnicas e raciais entre outras vivências identitárias, têm disputado e pleiteado vagas neste nível de educação.

Porém, como tem sido percebida essa diversidade na/pela educação superior? Será que são adotadas políticas e estratégias que amparem essa diversidade nesse ambiente de transformação e produção de conhecimento? E mais, qual o papel (social) da universidade neste sentido?

Alguns autores elencam que o primeiro contato com este contexto, seu cotidiano e sua trajetória, comumente denominado de *vivências acadêmicas* como expõem Matta, Lebrão e Heleno (2017), ao embasarem-se em Soares, Almeida e Ferreira (1999), é discutido como aspecto central no que se refere ao sucesso, satisfação acadêmica, adaptação, integração e a permanência estudantil.

Através de uma revisão sistemática de literatura, os autores retratam que os estudos científicos com ênfase na Educação Superior têm buscado compreender as associações entre os aspectos característicos ao sujeito e os aspectos institucionais e contextuais das vivências acadêmicas com o intuito de estimular os benefícios e prevenir prejuízos para o desenvolvimento integral do estudante. Além disso, eles revelam que tais estudos ressaltam também a preocupação das Instituições de Ensino Superior (IES) com a evasão discente (Matta et al., 2017).

Neste processo, é demandado para o recém ingressante no sistema universitário que ele seja capaz de apresentar um leque de diferentes recursos (comportamentais, psicológicos, sociais, econômicos entre outros) que possa ampará-lo frente as

propriedades deste sistema. Sem dúvidas, o ingresso neste novo cenário é pautado por variadas mudanças na vida destes jovens que podem envolver inúmeras dimensões das experiências tanto pessoais quanto coletivas, sociais e até mesmo institucionais.

Em um nível mais individual, podemos recorrer às estratégias de *coping* que podem ser altamente eficazes para amparar os estudantes em seu ingresso acadêmico. Como trazem Oliveira et al. (2014), através de uma revisão de literatura sobre a relação entre adaptação acadêmica e estratégias de enfrentamento em universitários, a compreensão dessas estratégias individuais em âmbito internacional são denominadas *coping* e são entendidas como o conjunto de estratégias comportamentais e cognitivas utilizadas pelos indivíduos para lidar com situações aversivas e de estresse ainda que possam ser observadas algumas diferenças de cunho teórico e metodológico (Antoniazzi, Dell’Aglio & Bandeira, 1998)

Além disso, mesmo no contexto internacional como nacional, não são frequentes, senão escassas, as tentativas de relacionar o *coping* como uma variável da adaptação acadêmica o que abre espaço para um campo de reflexão, investigação e intervenção a ser explorado (Oliveira et al., 2014).

Em resumo, o *coping*, dependendo do seu direcionamento, pode ser classificado em dois tipos: *coping* focado na emoção e *coping* focado no problema. O primeiro diz respeito ao esforço para regular o estado emocional em relação a situação estressora como, por exemplo, tomar um tranquilizante e o segundo diz respeito ao esforço para atuar na situação originária do estresse, procurando transformá-la (Folkman et al., 1986).

Muitos autores destacam que a qualidade da adaptação/integração/satisfação acadêmica depende, parcial e concomitantemente, de diversos elementos nos quais podemos resumi-los da seguinte forma: de fatores pessoais, subjetivos, psicológicos e sociais; das histórias de vida dos sujeitos; da presença ou ausência de estresse e ansiedade frente às demandas acadêmicas (bem-estar biopsicossocial); da construção de identidade tanto pessoal como profissional; das expectativas positivas em relação à instituição e ao curso; de fatores pedagógicos e estruturais; de fatores socioeconômicos; do suporte e desempenho da instituição aos alunos e a tomada de decisões acerca da carreira (Santos et al., 2013; Soares et al., 2014; Oliveira et al, 2014; Oliveira, Santos & Dias, 2016; Matta et. al., 2017).

Somando-se a isto e partindo de um nível social, é importante compreender também que os contextos universitários não estão deslocados da sociedade. No atravessamento das relações, os contextos sociopolíticos e culturais mais amplos afetam as relações e as práticas universitárias.

Recheadas por diversos mundos, as possibilidades de acolhimento e as vivências acadêmicas têm apresentado inúmeros prejuízos na percepção dos estudantes como no caso dos trotes. Praxe acadêmica que consiste num conjunto de atividades consideradas integradoras ou um “ritual de passagem” que acabam se transformando em experiências



negativas (Albanaes et al., 2014). Tais atividades, na maioria das vezes, são repletas de variadas formas de zombarias, discriminações cisheterossexistas e racistas que se retroalimentam das normas culturais e sociais de nossa sociedade historicamente colonialista conservadora.

Por essa funcionalidade, o sistema societário acaba por conferir apenas um modelo identitário possível (branco, heterossexual e cisgênero) através de expertises e tecnologias científicas, jurídicas, legalistas e religiosas que autorizam a classificação, patologização e discriminação de outras expressões como forma de manter a aplicabilidade da norma e continuar definindo diversos parâmetros excludentes para as socialidades humanas (Galindo et al., 2017; Nardi, 2015).

Neste sentido, o psicanalista Jurandir Freire Costa (1983), ao refletir através de análises psicanalíticas sobre a violência destinada à população negra, denuncia sem ambiguidades a tendência impiedosa da violência racista em destruir a identidade do sujeito negro através do Ideal de Ego Branco em que precisa formular para si um processo identificatório destoante de suas características biológicas, fenotípicas e até mesmo histórico-culturais, negando-as.

Vale salientar que o racismo está presente em nosso mundo de forma secular e estrutural. Em suas múltiplas faces, de forma velada ou não, o racismo age traçando privilégios e acesso a direitos básicos a determinados grupos enquanto atua numa lógica excludente e opressora a outros.

Com base nisto, compreende-se que a etapa de integração às IES se configura como um processo dinâmico, complexo e multifacetado construído no bojo das relações que se estabelecem entre estudante-instituição, estudante-estudante e instituição-instituição (Santos et al., 2013). Assim, o ingresso na Educação Superior constitui um período de transição relevante para os universitários sendo merecedor de máxima atenção.

Destarte, a presente pesquisa objetivou descrever a percepção de estudantes LGBT's negros e brancos, ingressantes por ações afirmativas ou ampla concorrência na Universidade Federal de Mato Grosso, sobre discriminação racial e sexual e seu impacto para a permanência estudantil.

## **2 | EDUCAÇÃO SUPERIOR, SAÚDE E SOCIEDADE: O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA!**

Embora as causas das desigualdades sociais, sexuais e raciais em saúde formarem objetos de investigações acadêmico-científicas, de debates políticos e estarem nas agendas dos movimentos sociais há alguns anos, observa-se que, somente ao final do século XX, a discriminação começou a levantar suspeitas para uma compreensão decisiva, a ser tomada como elemento crucial para os agravos e acirramento das iniquidades em

saúde e para subsidiar um número significativo de pesquisas (PARADIES & WILLIAMS, 2008).

Nancy Krieger, ao sintetizar os resultados de seus estudos em uma entrevista, aponta uma terceira alternativa para o estudo das relações entre saúde e discriminação procurando superar o conflito entre as concepções “psicossociais” e “sociopolíticas” (ANTUNES, 2015) a qual subentende que uma dá mais ênfase a percepção psicológica, biológica e comportamental do indivíduo e a outra recai, principalmente, sobre os determinantes políticos e econômicos, respectivamente.

Entretanto, segundo a autora, uma perspectiva ecossocial tem oferecido elementos teóricos-metodológicos que podem ser incorporados de forma sinérgica em relação ao foco de análise para compressão e intervenção diante de fenômenos discriminatórios e de exclusão social. Se preocupa com os padrões populacionais de saúde, doença e bem-estar prestando atenção nas condições materiais e sociais da existência humana abrangendo as diferentes formas de discriminação e a desigualdade social (KRIEGER, 2001, 2012, 2014).

Portanto, enfatiza uma relação indissociável entre os aspectos psicológicos, biológicos e os aspectos sociais. Quando estamos priorizando uma análise ecossocial, estamos afirmando que ela requer uma compreensão mais contextualizada dos processos psicológicos, biológicos e sociais, dos agentes e atores sociais e dos eventos que eles protagonizam, identificando suas convergências e divergências. Ou seja, os constructos centrais da teoria se destinam a ser utilizados em conjunto e não isoladamente.

Pensando nisso e a despeito de existir maior diversidade nos tipos de discriminações abordadas, a concepção de interseccionalidade batizada por Crenshaw (1991) possui enorme potencial de contribuição para uma investigação mais integral. Tal concepção entende que múltiplas formas de discriminação podem se combinar, se atravessar e serem experimentadas em intersecção.

Ou seja, a interseccionalidade sugere que nem sempre lidamos com grupos distintos ou separados, mas sobrepostos, ao passo que no meio desta sobreposição se encontrariam aqueles que tendem a passar por um processo mais acentuado de estratificação e discriminação. Contudo, segundo a autora, a visão tradicional da discriminação opera tendenciosamente no sentido de excluir essas sobreposições (CRENSHAW, 1991).

Por este motivo que este conceito se configurou como um importante eixo para a execução da pesquisa em questão sem hierarquizar tais fenômenos, mas identificar suas nuances, percepções e prejuízos causados no intuito de fornecer elementos para uma análise ecossocial das consequências discriminatórias para as vivências acadêmicas e as estratégias de enfrentamento interligando as áreas da Psicologia, Educação, Saúde e Sociedade.

O interesse pelo estudo das discriminações sexuais e raciais envolvidas no processo de adaptação acadêmica universitária conduz à escolha de uma abordagem mais

qualitativa em pesquisa.

Assim sendo, para o processamento dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) por esta ser a mais adequada e pressupor que através das significações que as pessoas atribuem a determinados aspectos de suas vidas, a possibilidade de se chegar a indicativos de seus modos de funcionamento subjetivo e, conseqüentemente, de suas ações, atitudes e práticas discursivas.

## 2.1 Participantes

Participaram do estudo 39 estudantes distribuídos entre pós-graduado (1), discentes de pós-graduação (1) e de graduação (37) na faixa etária dos 18 aos 31 anos de diferentes institutos e faculdades ingressantes por ações afirmativas ou ampla concorrência. A amostra foi por conveniência e participaram aqueles que voluntariamente responderam o questionário da pesquisa enviado *online* pela instituição.

O critério de inclusão correspondia a ser estudante LGBT da UFMT e o critério de exclusão a ser estudante declarado não integrante deste grupo. Durante a coleta de dados, houveram participantes da pós-graduação e pós-graduado que indicaram estarem vinculados de algum modo a Universidade ainda que em caráter de aluno especial. Tal participação no estudo não gerou mudanças significativas no resultado e por isso foram incorporados para representar a amostra mais fidedignamente.

O perfil predominante na pesquisa, conforme Tabela 1, refere-se à Homens Cisgêneros (69%), Homossexuais (69%), Negros (62%) e Brancos (33%) de 21 a 23 anos de idade (54%), Estudantes de Ensino Superior (97,43%) ingressantes por Ações Afirmativas (46%) e Ampla Concorrência (54%) de diversos institutos e faculdades da UFMT. O percentual de negros foi calculado pela soma do número de pardos e pretos.

Variáveis	Perfil
Identidade de Gênero	
Homem Cisgênero	27 (69%)
Mulher Cisgênera	10 (26%)
Transgênero	01 (02%)
Demifluid	01 (03%)
Orientação Sexual	
Heterossexual	02 (05%)
Homossexual	27 (69%)
Lésbica	03 (08%)
Bissexual	05 (13%)
Assexual	02 (05%)
Cor Raça Etnia	
Amarela	01 (02%)
Branca	13 (33%)
Indígena	01 (03%)
Parda	17 (44%)
Preta	07 (18%)
Faixa Etária	
18 à 20 anos	09 (23%)
21 à 23 anos	21 (54%)
24 à 27 anos	07 (18%)
28 à 31 anos	02 (5%)
Forma de Ingresso	
Ações Afirmativas	18 (46%)
Ampla Concorrência	21 (54%)

Tabela 1 Perfil dos Participantes

Vale salientar que as questões de gênero e de orientação sexual não são sinônimas. Por tal motivo é que a amostra apresenta participantes heterossexuais visto que o grupo LGBT também é composto por pessoas trans (Travestis, Transexuais, Transgêneros e outras identidades de gênero) que podem ter sua orientação sexual direcionada para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Assexuais e até mesmo Heterossexuais (Jesus, 2014).

No total, estão representados 6 institutos e 8 faculdades (75% e 58,33% do total de institutos e faculdades oferecidas no Campus Universitário de Cuiabá respectivamente). A universidade é composta por quatro Campus de acordo com as informações institucionais, porém apenas o Campus de Cuiabá foi delimitado para o presente estudo.

Este campus central abarca 12 faculdades e 8 institutos de ensino responsáveis por 42 cursos no total. Apenas a Faculdade de Educação Física-FEF, Faculdade de Enfermagem-FAEN, Faculdade de Engenharia Florestal-FENF, Faculdade de Comunicação e Artes-FCA, Instituto de Computação-IC e Instituto de Linguagens-IL não tiveram participantes no estudo.

## 2.2 Instrumento

Para a produção dos dados foi elaborado um formulário *online* (através da plataforma *google docs*) construído especialmente para esta pesquisa com o objetivo de explorar e identificar, nas respostas dos estudantes, as percepções acerca das discriminações sexuais e raciais, bem como as possíveis formas de enfrentamento utilizadas.

Os itens do formulário eram compostos por questões fechadas de cunho sócio demográfico para possibilitar um perfil dos participantes, seguidas de 12 questões semiabertas que levaram em consideração os dois temas relacionados ao objetivo do estudo: (a) percepções sobre a presença ou ausência de discriminações sexuais e raciais em suas vivências acadêmicas e (b) percepções sobre os enfrentamentos, dificuldades pessoais e institucionais frente as mesmas.

## 2.3 Procedimentos

Inicialmente, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da área de Humanidades da UFMT. Após esta etapa, foi aberto um processo interno via ofício na UFMT-Cuiabá com as informações da pesquisa, o link do formulário *online* e TCLE (link *online* e cópia em documento PDF) solicitando que a Secretaria de Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas a Educação – STI/UFMT pudesse encaminhar o documento e o questionário *online* via *e-mail* para os estudantes que se autodeclararam serem LGBT's no ato de matrícula conforme Resolução CONSUNI N.º 01, de 27 de Julho de 2011 da instituição. Por se tratar de informação sigilosa, a STI não nos informou o total destes alunos autodeclarados LGBT's na instituição.

Assim, cabe salientar que não houve contato direto com os participantes preservando a identidade dos mesmos, além de não obter acesso a nenhum dado pessoal com o deferimento do processo/ofício atendendo os procedimentos éticos de respeito aos participantes de acordo com a resolução nº 466/12 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012)

Durante este percurso, tivemos o retorno de 39 estudantes que acessaram e responderam o questionário online marcando positivamente a participação no estudo e a aceitação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE.

Utilizamos apenas este recurso como estratégia de aproximação desse universo de estudantes, além de não fazer articulação com centros acadêmicos, coletivos universitários ou movimentos sociais para que não houvessem influências e enviesamento no preenchimento do questionário.

Em relação ao procedimento técnico-metodológico, os questionários respondidos foram submetidos a análises estatísticas descritivas, ou seja, através das porcentagens de respostas aos itens do questionário e à análise de conteúdo (Bardin, 2011). Tal artifício

permitiu complementar as reflexões e destacar nuances que muitas vezes os tratamentos estatísticos encobrem. Este tipo de método prevê três fases basilares: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material e 3) O tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Existem diferentes modelos para estabelecer categorias, independentemente das respostas. Segundo Henkel (2017), um deles seria a abordagem dialética na construção de categorias que consiste em começar com categorias dicotômicas, depois tricotômicas, e aumentar para politômicas.

Estes níveis categóricos descreveriam a natureza e a variação associada aos atributos das respostas. Contudo, é preciso que eles se diferenciem qualitativamente para que os atributos de uma categoria possam demonstrar internamente uma certa homogeneidade (*category internal consistency*) (Henkel, 2017).

Nesse processo de categorização, optou-se por analisar inicialmente as respostas na posição dicotômica, se o conteúdo tinha um sentido “positivo” ou “negativo”, “sim” ou “não”, em relação as discriminações. E para diferenciar cognitivamente as respostas, optou-se também pela categorização dicotômica “afetivas” e “racionais”.

Desta forma, essas categorias refletem um diferenciado nível evolutivo dos respondentes, pois as respostas não estão vinculadas apenas com uma dimensão mais política cultural ou de normas sociais, mas também com a capacidade perceptiva e cognitiva em entender esse sistema. Foi possível considerar, então, quatro categorias **(C)** abertas – **(1)** Discriminação Sexual; **(2)** Discriminação Racial; **(3)** Permanência Estudantil e **(4)** Estratégias de Enfrentamento – a partir das unidades de registro **(UR)**.

### 3 | RESULTADOS

A partir das categorias elencadas durante a análise de conteúdo foi possível apontar para dois tipos de resultados. O primeiro voltado para as Categorias 1, 2 e 3 reunindo três Unidades de Registro:

**(a) Ausência e presença destes fenômenos na vivência acadêmica:**

“Fui chamado de “bicha” duas vezes”, “fui chamado de “veado”, “muitas vezes fui chamado de “mulherzinha”, “fui abordado por uma aluno da FEF, próximo ao ginásio que me disse que não queria “viado” praquelas bandas”, “Deboches sobre cabelo, cor da pele, etc”; “Não por conta de minha cor branca, mas por conta do meu cabelo crespo”; “existem comentários sobre alguns alunos do tipo “não basta ser preto, é viado também””

**(b) Ausência e presença de medidas institucionais e discussões sobre estes fenômenos:**

“A Universidade tem tentado, mas a maior parte do trabalho ainda vem dos próprios estudantes”, “Em alguns blocos não”, “Pra mim, a universidade ignora alguns assuntos”, “Não. Precisa debater mais sobre o assunto em um sentido amplo e criterioso englobando todos os cursos”, “Nunca notei nenhuma política de inclusão, palestras e afins”

**E (c) Vivências, potencialidades e dificuldades em permanecer no Ensino Superior:**

“Não houve dificuldades”; “É difícil manter a concentração, sabendo que pelos corredores do instituto podemos ser atacadas por questões de gênero”; “Difícil, ainda mais em meio a tanta pessoa que não entende as dificuldades de quem vem da periferia”; “Para mim cada dia é um leão que eu mato para me manter estudando no ensino superior”.

O segundo resultado, voltado para a **Categoria 4**, reuniu **uma Unidade de Registro**:

**(d) Suporte financeiro, institucional, familiar, social, psicoterápico, comportamentos evitativos e de confrontos:**

“Solicitei que o professor universitário (de história) não repetisse os mesmos comentários”; “Apenas ignorei”; “Terapia”; “Busquei ajuda de amigos e familiares”; “Às vezes tento conversar para que as pessoas possam ter novas perspectivas”.

Em termos estatísticos, o número de registros não é significativo se comparado ao número de participantes. Porém, foram analisados no sentido de corroborar com as nuances que os indicativos quantitativos podem encobrir. Por isso, foi organizada a Tabela 2 que apresenta os Indicadores das Percepções Individuais e sua frequência absoluta.

Respostas	Frequência Absoluta	Percentual	Frequência Absoluta	Percentual	Frequência Absoluta	Percentual
	Sim	%	Não	%	Sem Resposta	%
Discriminação Sexual	25	64	14	36	0	0
Discriminação Racial	9	23	30	77	0	0
Discriminação na Universidade	20	51	19	49	0	0
Medidas Institucionais	9	23	24	62	6	15
Discussões nos Institutos e Faculdades	7	18	24	62	8	20
Permanência Estudantil Tranquila	23	59	16	41	0	0

Tabela 2 Indicadores das Percepções Individuais sobre Vivências Acadêmicas, Discriminações Sexuais e Raciais

Os indicativos referentes as discriminações sexuais e raciais relacionados a **C1** e **C2** são itens da **UR(a)** e o percentual de 64 indica um elevado grau quanto à presença de discriminações sexuais em suas vivências acadêmicas.

No que tange as discriminações raciais, estas pontuaram negativamente e foram inversamente proporcionais indicando um percentual de 77.

No âmbito da universidade, os resultados demonstram a percepção destas discriminações sobre o percentual de 51.

Em razão da **C3 UR(b)**, os indicativos demonstram a ausência de medidas institucionais e discussões nos institutos e faculdades sobre o percentual de 62 igualmente. Estes itens

foram desenvolvidos para verificar a avaliação destes estudantes sobre estes fenômenos na universidade. Entretanto, 15% e 20% respectivamente, deixaram tal unidade sem registros.

E sobre a **C3 UR(c)**, os indicativos demonstram, a partir dos registros dos participantes, o percentual de 59 para referência a uma permanência estudantil tranquila.

No que tange a **C4 UR(d)**, a Tabela 3 relaciona os Indicadores da Utilização de Estratégias de Enfrentamento, o seu percentual e frequência absoluta.

Estratégias de Enfrentamento	Frequência Absoluta	Percentual (%)
Comportamento Evitativo (Ignorar)	28	72
Enfrentamentos baseados no Humor, Suporte Social, Familiar e Psicoterápico	6	15
Enfrentamentos baseados no Confronto e na Resolução Ativa de Problemas	5	13

Tabela 3 Indicadores da Utilização de Estratégias de Enfrentamento

Notou-se que o registro mais apontado pelos estudantes em relação as situações aversivas de discriminações sexuais e raciais diz respeito a utilização de comportamentos evitativos (ignorar) que pontuaram sobre o percentual de 72.

Além disso, 15% indicaram registros baseados no humor, suporte social, familiar e psicoterápico e 13% indicaram registros baseados no confronto e na resolução ativa de problemas.

Tais itens foram desenvolvidos para identificar os mecanismos de enfrentamento praticados pelos estudantes de modo a possibilitar uma discussão transversal relacionando a percepção destes estudantes sobre as discriminações e os mecanismos utilizados pela IES.

## 4 | DISCUSSÃO

A pesquisa esteve articulada a um projeto de extensão maior intitulado *Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT* no qual este projeto procurou promover a difusão de informação e conhecimentos sobre políticas de ação afirmativas, história e cultura afro-brasileira além de estimular melhor articulação entre os diferentes grupos na UFMT através do ensino, da pesquisa e da extensão.

Ressalta-se, de início, a necessidade de um mapeamento e sistematização a respeito das discriminações sexuais e raciais no âmbito das diversas IES devido as limitações do próprio estudo que não conseguiu abranger todos os cursos, institutos e faculdades da



UFMT.

Nesse sentido, sugere-se que levantamentos semelhantes sejam implementados em diferentes tipos de instituições (privadas, públicas, comunitárias, de regiões metropolitanas, rurais, de interior, etc.) para identificar similaridades e particularidades e para que em uma próxima etapa, a avaliação do grau dessas ocorrências discriminatórias (tanto na percepção subjetiva dos alunos quanto em termos objetivos e seu impacto para a permanência estudantil) permita criar estratégias de enfrentamento, tanto à níveis individuais quanto coletivos e sociais, à serem implementadas e instituídas concretamente.

A necessidade de sistematização faz-se presente a partir da própria dificuldade institucional em realizar tal ação e indicar ou elaborar medidas institucionais protetivas aos estudantes, de resolutividade dos processos administrativos e de sindicância em relação a discriminação sexual e racial e ao desconhecimento por parte dos cursos, institutos e faculdades sobre a presença destes fenômenos no âmbito da instituição que foram observados durante a pesquisa.

É possível que esta falta de sistematização possa impactar a qualidade da divulgação e das próprias ações realizadas com os alunos, bem como dos percalços pormenores que possam fazer parte das apurações dos casos.

Neste quesito, foi de fundamental importância a produção de conhecimento local a partir de determinado recorte histórico para que estes dados possam ser passíveis de comparação com outras realidades geográficas/locais/regionais e outros períodos históricos, políticos e sociais visto que tais levantamentos, quando realizados de forma contínua, periódica e processual, possam permitir uma avaliação mais integral e menos regulatória.

No que tange a **C1** e a **C2**, como esperado, os resultados demonstram a predominância da discriminação sexual e racial (Tabela 2) no âmbito da universidade em que 64% dos participantes indicaram ter vivenciado situações de discriminação e exclusão social por conta da sua orientação sexual em suas variadas formas como: violência verbal (piadas, xingamentos e discursos de ódio), simbólica (exclusão e olhares de desaprovação), psicológica, física e até mesmo institucional: Um estudante apontou que percebeu ter perdido uma vaga de estágio por conta de sua orientação sexual não heterossexual.

Dentre estas violências, foram registrados situações no âmbito da escola, da universidade, de circulação na rua, em shoppings, restaurantes etc. As formas simbólicas e verbais foram indicadas mais vezes nos registros apresentando situações em que as pessoas direcionavam olhares de desaprovação muitas vezes acompanhados de discursos de ódio pautados no machismo, sexismo, homofobia e transfobia.

Em contrapartida, 77% dos sujeitos indicaram não ter sofrido discriminação e exclusão social por conta de sua cor/raça/etnia (Tabela 2). Entretanto, quando relataram as situações que não sabiam informar se classificariam como discriminatórias põe-se em evidência, passando por uma leitura crítica social, que são discriminações racistas

no que tange a estética (por conta do cabelo crespo) e simbólicas (exclusão e olhares de desaprovação).

Os outros 23% que indicaram terem sofrido discriminação por conta de sua cor/raça/etnia (Tabela 2) pontuaram as formas verbais (piadas, xingamentos e discursos de ódio), institucionais (barragem em detector de metais e revista pessoal) e até mesmo físicas em que dois estudantes relataram terem sido agredidos fisicamente. Destas, a discriminação institucional foi a mais presente indicando situações em bancos, lugares ou instituições que possuem detectores de metais.

Na narrativa de uma participante, tal situação ocorreu pela trava seletiva das portas giratórias mesmo que a participante não estivesse portando nenhum objeto de metal consigo. Em sua avaliação, pressupôs que a trava era operada manualmente pelo segurança através de um controle portátil que era utilizado durante a passagem de pessoas negras. Esta conclusão se deu porque a estudante não percebeu tal fenômeno acontecer com pessoas brancas, resultando, assim, em uma revista pessoal constrangedora.

Não houve respostas por pessoas brancas em relação a discriminação voltada para sua cor de pele, mas por conta de traços fenótipos de descendência negra como a presença de cabelos crespos e o cenário e motivos das experiências de discriminação relatadas, tanto racial como sexual, revelaram aspectos semelhantes ao estudo de Cecchetto e Monteiro (2006) em comparação com o que foi encontrado na presente pesquisa.

Esta ambiguidade demarca a vivência cotidiana estabelecendo implicações sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente reproduzido é utilizado por instituições, partidos e governos correndo o risco de não tratar a temática de maneira adequada, sistêmica e estrutural.

Retomando o conceito de interseccionalidade de Crenshaw (1983), vemos tal fenômeno registrado no seguinte trecho:

“Se o fato de ser negro é motivo de sofrer preconceito, e o fato de ser LGBT também, se juntar as duas coisas o preconceito é dobrado” (Discente de Graduação, 26 anos, Negra, Lésbica).

Sobre a **C3** (Tabela 2), 41% dos participantes relataram que a permanência na Universidade tem sido marcada por grandes desafios que envolvem questões de adaptação, principalmente quando são alunos oriundos de outros municípios/estados e possuem dificuldades com auxílios estudantis por estarem em condições socioeconomicamente vulneráveis.

Somando-se a isto, salientaram também as questões de discriminação, muitas vezes verbais e simbólicas de professores e alunos afirmando que a discriminação velada causa um sentimento de insegurança, pois não sabem o que esperar do comportamento aversivo do outro em relação a sua identidade, o que pode estar indiretamente relacionado ao modo de enfrentamento mais indicado na **C4** (Tabela 3).

Tais resultados da **C4** demonstram um alto índice que indica que o comportamento

de ignorar (Tabela 3) tem se constituído como a melhor estratégia para lidar com as discriminações ou de enfrentá-las.

Conforme Oliveira et al. (2014), as pesquisas em contexto internacional, apontam que a utilização de estratégias de enfrentamento por estudantes universitários baseadas no confronto e resolução ativa de problemas, no humor e no suporte social tendem a apresentar níveis mais baixos de estresse relacionando-se a melhores níveis de adaptação.

Em compensação, a adoção de estratégias evitativas poderiam apresentar níveis mais elevados de estresse relacionando-se a piores níveis de adaptação. Assim, o *coping* evitativo pode ser preditor de altos níveis prejudiciais constituindo-se em um fator de risco para a adaptação a situações críticas, principalmente se empregados de forma crônica (HEPPNER et al., 1995).

Baseando-se em uma ação mais individual, concordamos com as sugestões de Oliveira et. al. (2014) para orientadores profissionais, psicólogos e outros profissionais da saúde e que trabalham em serviços de orientação e assistência estudantil universitária.

Tais sugestões convocam estes profissionais para promover o desenvolvimento de diversas estratégias de *coping* por meio da promoção, divulgação e incentivo aos estudantes a utilizarem os recursos que a própria universidade já oferece ou que poderia oferecer como atendimentos individuais e grupais para a promoção de saúde mental, bem como a criação de redes de apoio entre estudantes para contribuir com a adaptação acadêmica.

Em relação ao ambiente acadêmico e em um movimento inverso, 59% dos participantes (Tabela 2) declararam que a permanência estudantil (**C3**) tem sido tranquila ou encarada como um momento para se autoconhecer e amadurecer. Tal informação gerou uma discussão transversal entre as quatro categorias, visto que é possível perceber certo aspecto incongruente nesta percepção de permanência estudantil tranquila considerando-se os itens de discriminações sexuais (**C1**) e raciais (**C2**) e os modos de enfrentamento (**C4**).

O que significaria uma permanência tranquila quando apontam altos indicativos de discriminações sexuais e raciais? Ao indicarem um ambiente hostil e estressante, uma postura evitativa e uma permanência tranquila estão se referindo a unidades e categorias que não se encaixam e se integram.

Posto isto, o cerne da questão está justamente neste cruzamento que evidenciam uma possível condição de integração que distanciam as percepções do ambiente hostil com as questões de mobilidades sociais tidas como tranquilas para a frequência de posturas evitativas.

Porém, como em uma chamada de emergência, 67% dos estudantes alegaram que a universidade parece não estar muito preocupada sobre o assunto em virtude de que não percebiam medidas institucionais (Tabela 2). Ressaltaram grande preocupação de que situações como a ocorrida em abril de 2017 pudessem ser frequentes. Tal ocorrência

citada diz respeito a um estudante de Agronomia da UFMT que postou uma frase racista em seu Facebook: “Gosto muito de negros, tenho amigos negros e tal. Só fico triste porque pararam de vender” (TEIXEIRA, 2017, p. 1).

Situações como estas, racistas, heterossexistas e transfóbicas, têm sido frequentes na Educação Superior (MARQUES, 2018; COSTA & MARTINS, 2018) na qual demandam de um enfrentamento efetivo, necessário e urgente por parte do Ministério da Educação e das instituições para amenizar seus efeitos.

Em detrimento disto e para além de uma ação de individual como o *coping*, sugerimos que intervenções articuladas em conjunto com a Política Nacional de Promoção de Igualdade Racial (BRASIL, 2003) e a Política Nacional de Saúde Integral LGBT (BRASIL, 2013) também são extremamente relevantes para a adoção de estratégias para superação de práticas discriminatórias na Educação, na Saúde e na Sociedade visto que a discriminação e o preconceito são determinantes sociais da saúde, ou seja, compreende-se que o racismo, o machismo, a homofobia e a transfobia são promotores de adoecimento e agravos em saúde.

Políticas inclusivas como estas, com o objetivo de equiparação social, são urgentemente necessárias para um projeto de sociedade mais humanizado e equitativo. Neste sentido, 43% dos participantes perceberam que algumas vezes são realizadas rodas de conversas e discussões sobre discriminação sexual e racial por alguns coletivos, estudantes, professores e institutos como o Coletivo Negro Universitário e o extinto Coletivo LGBT Manicongo organizado pelos próprios estudantes do Instituto de Educação da UFMT.

Todavia, salientaram que tal debate precisaria tomar uma posição ampliada de modo a fazer parte das ações institucionais especialmente na área das ciências exatas onde relataram que este debate inexistente e a discriminação é mais acentuada como exposto. Segundo as percepções dos estudantes, até mesmo em disciplinas que teriam esta finalidade a discussão não acontece.

Verificamos, porém, que foram realizados alguns eventos pontuais sobre tais temáticas como o I Seminário de Diversidade Sexual, Relações de Gênero, Educação e Políticas Públicas (2014) que não teve outras edições e a anual Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (Nepre).

Assim, a universidade como um todo utiliza-se destes eventos acadêmicos para abordar tais temáticas não configurando-se como uma ação central do seu núcleo próprio de assistência estudantil para a elaboração de medidas institucionais, projetos antirracistas e/ou antissexistas frente tais demandas, o que poderia ser ainda mais positivo para o combate sobre tais discriminações e, conseqüentemente, para um cuidado em saúde mental e um bem estar biopsicossocial na instituição.

Por fim, mesmo que o discurso seja aparentemente contraditório e atravessado por

algumas incongruências, os participantes demonstram sentimentos de preocupação com o seu lugar nestes espaços e com o ambiente universitário e institucional que são cruciais, infundáveis e ininterruptos para a formação das pessoas como pode ser percebido no seguinte trecho:

Embora aqui seja um local, como em vários outros, os preconceitos se apresentam, percebo que é um lugar em que pude me sentir melhor comigo mesmo, encontrando em outras pessoas apoio e até mesmo inspiração, para que pudesse me aceitar sendo o que sou e me sentir bem em ser assim. É contraditório, mas a mesma universidade que “zombou” de mim na calourada, me acolheu e foi espaço para fortalecimento de minha identidade ao longo do curso (Discente de Graduação, 20 anos, Negro, Homossexual).

Desta maneira, recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas empíricas que estabeleçam relações entre estratégias de enfrentamento e adaptação ao contexto acadêmico nacional considerando as especificidades culturais, de classes sociais, raciais, étnicas, de gênero e sexualidade entre outras, bem como de fenômenos discriminatórios que as envolvem para auxiliar na compreensão do processo de adaptação/integração ao ensino superior no Brasil tornando-se, assim, um campo para ser melhor trabalhado pela área da saúde, especialmente pela saúde mental.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, os resultados deste estudo mostram um panorama diversificado, ainda que pouco sistematizado, do modus operandi das discriminações sexuais e raciais percebidos pelos estudantes participantes da pesquisa.

Observa-se que as iniciativas dependem, majoritariamente, da vontade ou compromisso de cada curso, instituto, faculdade ou dos próprios estudantes, não configurando uma ação estratégica da instituição no intuito de promover a integração acadêmica ancorada nos princípios de condutas mais éticas e respeitadas considerando-se as discriminações que, na percepção dos participantes, ainda se fazem muito presente no ambiente universitário.

Entretanto, há algumas limitações a serem consideradas nesta pesquisa que dizem respeito ao envio único do formulário online pela STI/UFMT para os estudantes não retornando para a coordenação da pesquisa o número da amostra ou de *e-mails* enviados.

Verificou-se, portanto, um número pequeno de participantes, conduta que torna o resultado pouco generalizável. Além disso, uma coleta de dados presencial poderia tornar os dados mais representativos, principalmente se incluídas questões socioeconômicas ou de classes sociais.

Nesse sentido, pondera-se que há questões e um campo de investigação e intervenção aberto neste âmbito a ser explorado por gestores do Ministério da Educação, por pesquisadores e orientadores profissionais, pelas áreas da educação, psicologia e saúde, pelas IES e universitários no Brasil, pelos direitos humanos, pelas políticas

públicas de gênero, sexualidade e igualdade racial considerando as discriminações como elemento decisivo para as consequências na adaptação, vivências e integração ao ensino superior, para as estratégias de enfrentamento e para subsidiar e fortalecer programas e projetos oferecidos pelas IES.

Conhecer e reconhecer esta realidade pode auxiliar na identificação de fatores associados não exclusivamente à evasão escolar, mas também a outros aspectos do desenvolvimento biopsicossocial dos acadêmicos e para que a universidade se transforme cada vez mais em um espaço de produção de saúde e menos de adoecimento.

## REFERÊNCIAS

ALBANAES, P. et al.. **Do Trote à Mentoria: Levantamento das Possibilidades de Acolhimento ao Estudante Universitário**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 143-152, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200005&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. **O conceito de coping: uma revisão teórica**. Estudos de Psicologia, Natal, v. 3, n. 2, p. 273-294, 1998. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>>. Acesso em: 24 jan. 2018

ANTUNES, J. L. F. **Desigualdades em saúde: Entrevista com Nancy Krieger**. Tempo Social, v. 27, n. 1, p. 177-194. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-20702015014>>. Acesso em: 24 jan. 2018

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial**. Ministério da Saúde: Brasília, DF, 2003

BRASIL. **Resolução CONSUNI n. 01, de 27 de julho de 2011**. Dispõe sobre inclusão de nome social de travestis e transexuais nos registros acadêmicos da UFMT. Conselho Universitário da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/FrmConsultarResolucao.aspx?pageIndex=&txtCritério=&txtNumero=01&txtAno=2011&tipoUID=3>>.

BRASIL. **Resolução n o 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jun., 2013. Seção I, p. 59.

BRASIL. **Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011**. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Ministério da Saúde: Brasília, DF, 2011

CECCHETTO F.; MONTEIRO, S. **Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina**. Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 1, 2006, p. 199-218. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100011>>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

COSTA, A. J. N.; MARTINS, M. G. T. **Gênero e Diversidade Sexual: Concepções de Profissionais da Educação de uma Instituição de Ensino Superior Privada de Macapá-AP**. Revista Eletrônica Estácio Papyrus, v. 5, n. 1, 2018, p. 83-100. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/papirusantacatarina/article/view/4278/47964947>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

COSTA, J. F. **Prefácio – Da Cor ao Corpo: A Violência do Racismo**. In: SOUZA, N. S. S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 1-16.

CRENSHAW, K. W. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, 1991, p.1241–99. Disponível em: < <https://>

blackwomenintheblackfreedomstruggle.voices.wooster.edu/wp-content/uploads/sites/210/2019/02/Crenshaw\_mapping-the-margins1991.pdf >. Acesso em: 16 jan. 2020.

FOLKMAN, S. et al. **Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes**. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 50, n. 5, 1986, p. 992-1003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.50.5.992>>. Acesso em: 24 jan 2018.

GALINDO, D. et al.. **LGBTs e Gênero Banidos? Notas Genealógicas sobre Projetos de Lei no Brasil**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 22, n. 2, 2017, p. 253-265. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/psicoestud.v22i2.33506>. Acesso em: 24 jan 2018.

HENKEL, K. **A categorização e a validação das respostas abertas em surveys políticos**. *Opinião Pública*, Campinas, v. 23, n 3, 2017, p. 786-808. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-01912017233786>>. Acesso em: 04 jan 2018.

HEPPNER, P. P. et al. **Progress in resolving problems: A problem-focused style of coping**. *Journal of Counseling Psychology*, v. 42, n. 3, 1995, p. 279-293. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.42.3.279>>. Acesso em: 24 jan 2018.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

KRIEGER, N.. **“Theories for social epidemiology in the 21 century: an ecosocial perspective”**. *Int. J. Epidemiol.*, 30: 668-677. 2001.

KRIEGER, N.. **“Methods for the scientific study of discrimination and health: from societal injustice to embodied inequality: an ecosocial approach”**. *Am. J. Public Health*, 102: 936-945. 2012.

KRIEGER, N.. **“Got theory?. On the 21c, C. E. rise of explicit use of epidemiologic theories of disease distribution: a review and ecosocial analysis”**. *Current Epidemiol. Reports*, 1 (1): 45-56. 2014.

MARQUES, E. P. S. M. **O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018, p. 1-23. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782018230098>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MATTA, C. M. B.; LEBRÃO, S. M. G.; HELENO, M. G. V. **Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas no ensino superior: revisão da literatura**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, 2017, 583-591. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920170213111118>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

NARDI, H. C. **Nas bordas do humano: Lutas pelo reconhecimento e capturas identitárias**. In: RODRIGUES, A.; DALLPICULA, C.; FERREIRA, S. R. (Orgs.), *Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação*. Vitória: EDUFES, 2015. p. 213-227.

OLIVEIRA, C. T. et al. **Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários brasileiros: uma revisão de literatura**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 15, n. 2, 2014, p. 177-186. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000200008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200008&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 24 jan. 2018.

OLIVEIRA, C. T.; SANTOS, A. S.; DIAS, A. C. G.. **Expectativas de universitários sobre a universidade: sugestões para facilitar a adaptação acadêmica**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 17, n. 1, 2016, p. 43-53. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902016000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902016000100006&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 24 jan. 2018.

PARADIES, Y.; WILLIAMS D. R.. **Racism and health**. In: QUAH, S. R.; HEGGENHOUGEN, J. K. K. (Ed.). *International Encyclopedia of Public Health*. San Diego: Academic Press, 2008, p.474-482.

SANTOS, A. A. A. et al.. **Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 4, 2013, p. 780-793. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/>

S1414-98932013000400002>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SOARES, A. B. et al.. **O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior**. Psico-USF, v. 19, 2014, p. 49-60. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712014000100006>>. Acesso em: 20 jan. 2020

SOARES, A. P.; ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A. **Questionário de Vivências Acadêmicas: Construção e validação de uma versão reduzida (QVA-r)**. Revista Portuguesa de Pedagogia, v. 33, n. 3, p. 181-207, 1999. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12110/1/QVA&QVAr,%202006.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

TEIXEIRA, P. V. F.. **Piada racista de universitário no Facebook poderá gerar responsabilização criminal**. GELEDÉS, Questão Racial, Casos de Racismo, São Paulo, 14 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/gosto-muito-de-negros-tenho-amigos-negros-e-tal-fico-triste-porque-pararam-de-vender/#gs.HJBmCu0>>. Acesso em: 20 abr. 2017



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

afeto 128, 129, 132, 152, 170

Ansiedade 19, 59, 61, 62, 98, 100, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 174, 180, 199, 201

Aprendizagem 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 109, 112, 114, 117, 120, 121, 123, 136, 140, 141, 142, 204, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 225, 226

### C

Cannabis 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Cérebro 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 117, 118, 169, 173, 174

Cinema 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 223

Comportamento 3, 4, 5, 8, 12, 13, 14, 15, 27, 29, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 51, 74, 80, 90, 96, 98, 102, 107, 108, 114, 117, 118, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 171, 173, 178, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Cultura 11, 27, 41, 42, 44, 48, 54, 57, 98, 100, 141, 143, 147, 153, 180, 186, 187, 197, 205, 208, 218

### D

Depressão 98, 100, 108, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 174, 180, 207, 208

Discriminação Sexual 17, 25, 26, 28, 31

Docente 72, 75, 78, 80, 87, 88, 89, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 214

### E

Educação 1, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 31, 32, 33, 34, 66, 67, 70, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 104, 107, 109, 113, 114, 129, 140, 141, 142, 160, 182, 214, 226, 227

Ensino Superior 17, 18, 22, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 71, 72, 77, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114

Espectador 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Estilo de Aprendizagem 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77

### F

Finitude 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

Fronteira 43, 52, 91, 92, 93, 95, 100, 101, 102, 126

## G

Genealogia 1, 3, 4, 15

Gestão do Conhecimento 214, 218, 224, 225

## H

História 1, 2, 3, 4, 11, 14, 15, 16, 26, 27, 46, 49, 59, 60, 61, 118, 136, 142, 145, 159, 160, 183, 207, 216, 221, 222

Homoerotismo 36, 38, 39, 42, 52

## I

Idoso 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

Interação 38, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 60, 62, 66, 68, 99, 107, 117, 141, 143, 147, 152, 153, 154, 157, 158, 195, 214, 215, 221, 222, 223, 225

Inventário 66, 67, 69, 70, 72, 75, 76, 115, 120

## L

Lixo 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142

## M

Meditação 128, 129, 130, 132

Meio-Ambiente 134

Memória 61, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 171, 174, 184, 192, 217, 219, 225

Militar 93, 94, 96, 97, 98, 100, 102

Mindfulness 128, 129, 132, 133

Morte 63, 98, 99, 150, 151, 156, 199, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

## N

Neuroaprendizagem 78, 82

Neuropedagogia 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89

## O

Oficina 157, 193

Ontologia 182, 190, 192, 193, 196, 197

## P

Plasticidade 78, 174, 180

Poética 54, 56, 57, 58, 60, 61

Psicodinâmica do Trabalho 91, 94, 101

Psicologia 1, 16, 17, 21, 32, 33, 34, 37, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 64, 65, 80, 81, 89, 96, 101, 103, 128, 129, 134, 136, 142, 144, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 175, 179, 180, 191, 198, 199, 214, 215, 216, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Psiquiatria 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 80, 161, 170, 180, 183, 184, 185, 187, 188

## Q

Qualidade de Vida 12, 91, 97, 99, 101, 105, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 224

## R

Racismo 17, 18, 20, 31, 33, 35, 157

Regulamentação 163, 164, 165, 166, 176, 177, 179

## S

Saúde Mental 1, 15, 16, 17, 30, 31, 32, 55, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 196, 197, 198

Sexualidade 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 50, 51, 53, 59, 60

Síndrome de Burnout 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114

Sociologia 129, 180, 214

Sofrimento 59, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 119, 158, 173, 178, 182, 183, 186, 187, 188, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213

## T

Tecnologia 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 182, 224

Terapia Ocupacional 182, 184, 185, 190, 192

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 37, 44, 52, 59, 62, 66, 68, 70, 75, 77, 80, 83, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 136, 139, 140, 142, 148, 159, 163, 164, 166, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 196, 197, 209, 214, 215, 220, 221, 223, 224, 225, 226

## V

Vida 3, 4, 6, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 40, 41, 46, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 91, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 105, 108, 113, 117, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 167, 174, 178, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 223, 224

## Y

Yoga 128, 129, 131, 132, 133




# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 





# *A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

